

**J. M. Ledgard**

# **SUBMERSÃO**

*Tradução de*  
Roberto Muggiati

1ª edição



**EDITORARECORD**  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

L513s      Ledgard, J. M., 1968–  
Submersão / J. M. Ledgard; tradução de Roberto Muggiati. –  
1ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2017.

Tradução de: Submergence  
ISBN: 978-85-01-10953-8

1. Romance escocês. I. Muggiati, Roberto. II. Título.

16-38621

CDD: 828.99113

CDU: 821.111(411)-3

Copyright © J. M. Ledgard, 2011

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa  
somente para o Brasil  
adquiridos pela  
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: (21) 2585-2000,  
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

---

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-10953-8

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se em [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba informações  
sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002.



*Descendit as inferna*: o que significa que ele desceu até os locais inferiores. Em vez destes locais inferiores, a língua inglesa tem sempre usado esta palavra inferno.

Thomas More

**E**ra um banheiro numa casa inacabada na Somália no ano de 2012. Havia um buraco na parede por onde o encanamento deveria entrar, e o piso era inclinado até chegar a um ralo, por onde a espuma devia escoar através de uma vala até chegar à terra do lado de fora. No futuro, talvez o chuveiro fosse instalado. No futuro, aquele poderia se tornar um lugar como outro qualquer. Mas para ele não era isso. Para ele, tratava-se de um lugar muito escuro e específico.

Ele ficava pelos cantos do cômodo, aonde os odores e os bichos perniciosos não chegavam com tanta frequência. O piso era feito de um concreto arenoso, que se desfazia quando era arranhado. Ele urinava e defecava suas fezes moles numa fossa coberta por um pedaço de papelão. Tentou tomar cuidado, mas o papelão acabou ficando sujo e salpicado, infestado de moscas e besouros.

A vala dominava o espaço. Ele a afastou. Mas, ainda assim, ela assumiu o controle sobre ele. O declive suave, tão suave, e mesmo assim corria em direção à luz...

Ele se viu levando um tiro na cabeça, caindo, um pé dando um chute no papelão, abrindo a fossa, as pernas suspensas sobre o buraco, o peito e a cabeça na vala, o sangue escorrendo por ela, coagulando pelo caminho.

Dentro era escuro, e o mundo lá fora era feito de fogo. Ele achava que a cidade de Kismayo havia se aproximado demais do sol. O buraco do encanamento ardia em sua mente. Ele enfiou um

braço no buraco e o manteve lá até a pele queimar, em seguida fazendo o mesmo com o outro braço. Seus captores colocavam comida no cômodo toda manhã. Às vezes ela encostava nas manchas do papelão. Ele abriu uma fruta com o polegar. No meio havia uma polpa cinzenta de ovos. Ele a levou ao buraco do ralo e viu uma larva abrindo caminho entre os ovos. Ela rastejou sobre seu dedo indicador. Era branca, com a ponta da cabeça preta. Isso o fez pensar nos lenços xadrez preto e branco que os combatentes usavam na cabeça. Ele a levou à boca e comeu.

A sensação de encarceramento era violenta durante as manhãs. Ele ouvia o oceano Índico ali perto, e o som o fazia pensar nas viagens de férias e a trabalho que havia feito para a costa queniana, nas quais acordava em algum hotel antiquado com vasos sanitários lascados e aparelhos de ar condicionado pingando, onde dava voltas numa piscina comprida e de água morna nadando borboleta até não conseguir mais levantar os braços, corria pela praia do hotel e passava pelos ratos de praia que se aqueciam para seus exercícios, até chegar às pedras, onde flutuava na parte rasa da água para depois então caminhar lentamente de volta ao hotel, se deleitando com o ar parado que domina os trópicos ao amanhecer, quando não há uma só lufada de vento para agitar as folhas das palmeiras e as andorinhas-do-mar flutuam praticamente sem bater as asas. Ele se sentou no canto e reviveu os banhos frios que vinham em seguida, como costumava pegar uma camisa de linho passada do armário, pagar alguns xelins ao chefe dos carregadores por um exemplar do *Daily Nation* e um do *Standard* e se sentar na varanda para o café da manhã que consistia em mamão, ovos mexidos, torradas e chá queniano.

O suor atravessava a camisa que lhe deram. Estava escrito “Biggie Burgers” nela, e o tecido ficava pesado com a umidade, o sebo e a sujeira dele. Ele arranhava o concreto, desenhando formas, criando narrativas, e depois se esfregava no chão.

Certa noite, um rato correu vala acima, saindo do buraco do ralo. O animal ouviu a respiração dele no canto e parou. O rato brilhava sobre o papelão, e ficou parado com sua respiração curta e correu de volta para o seu mundo.

Em outra noite, a lua entrou pelo buraco do encanamento — um raio prateado — e ele se lembrou claramente de deitar para dormir numa floresta invernal tão pura e cristalina e extensa. Fazia parte de um exercício do Exército britânico em Finnmark. Ele olhou para o alto por entre os ramos de um abeto e viu a lua. A neve chiava sob seu corpo. Estava convencido de que podia se espremer novamente contra o abeto e pensou que, se pelo menos ventasse no cômodo, a árvore poderia se curvar e deixar cair parte da neve que estava em seus galhos.

Quando não havia lua, ele afundava na escuridão que Danny via quando explorava a profundidade abissal. Nessas noites ele se levantava no escuro, apoiava uma das mãos na parede e se masturbava. Não pensava nela nesses minutos. Tentava fazer de um jeito que fosse mecânico, concentrado apenas no próprio toque, sem um rosto ou um corpo, em silêncio, sem cheiros. Queria profanar o cômodo.



A essência disso é que existe outro mundo dentro do nosso, mas temos de viver neste até o fogo final aquecer as profundezas.



De todos os lugares sem iluminação, a Caaba, em Meca, é aquele que faz com que alguém se detenha por mais tempo pensando sobre o ar no interior. A estrutura tem treze metros de altura e suas laterais têm onze de largura: *caaba*, que significa cubo. Ela antecede o islã. Segundo a tradição, Abraão a construiu seguindo os pontos cardeais da bússola. Numa das

laterais fica a pedra negra, al Hajar al Aswad, que todo peregrino sonha em beijar ao caminhar em sentido anti-horário pelo templo. As paredes internas têm inscrições de versos do Corão e são lavadas com perfumes. Ídolos pagãos as ocuparam por centenas ou talvez milhares de anos, um ídolo para cada dia do ano, alguns com expressões bondosas, outros não, mas todos foram destruídos na época do profeta Maomé.



O verdadeiro valor do ouro é ele ser capaz de ocupar seu espaço com enorme densidade. É o contrário do vazio no interior da Caaba, para onde todos os muçulmanos direcionam suas orações, que provavelmente ressoa mais que qualquer outro ponto no mundo.

A pedra negra fica além de tal análise. Ela há muito foi despedaçada e desgastada por beijos, e é mantida por uma moldura e um fio, ambos de prata. Trata-se, por aclamação, do objeto mais precioso do mundo, mas não é pesado. Análises demonstraram que ela é formada por areia do deserto derretida quando um meteoro atingiu o Quarteirão Vazio em tempos remotos. A pedra contém ferro, níquel e substâncias estelares e no interior dela há cavidades amareladas e esbranquiçadas que a impedem de afundar. Os muçulmanos acreditam que ela era branca quando Alá a entregou a Adão e Eva e desde então foi conspurcada por pecados. E também que se perdeu no dilúvio de Noé e foi encontrada flutuando nas águas.

Sob o piso da Grande Mesquita em Meca, onde se situa a Caaba, há uma colmeia de cavernas de lava. Foi nessas cavernas que os radicais religiosos que tomaram a Grande Mesquita em 1979 se refugiaram. Esses homens estavam convencidos de que o Mahdi havia chegado para governar os últimos dias do mundo. Combatiam por ele.

As cavernas são profundas em determinados pontos, e, nas paredes, há filmes da vida microbial à qual devemos chegar. Os mahdis lutaram com determinação e só foram derrotados quando o governo saudita converteu comandos franceses ao islamismo. Esses franceses supervisionaram o bombeamento de gases venenosos, granadas, rajadas de tiros e fogo nas cavernas. As mulheres mahdis escondidas diretamente sob o piso da Caaba cortavam o rosto dos seus homens para dificultar a identificação. Muitos dos mahdis lutaram até a morte. Aqueles que se renderam foram julgados em segredo e decapitados em público em quatro cidades sauditas.



Ficar no escuro, no calor, sentir-se enjoado com tanta frequência, receber picadas de insetos e mordidas de roedores, em meio a visitas da luz, tudo isso deixava sua mente agitada. Havia nele uma incerteza que dizia que as execuções realizadas com machado na Inglaterra dos Tudors, com cimitarras na Arábia Saudita e com uma adaga no rosto na Somália eram parecidas e que o sangue que era derramado por cada uma delas se misturava.

Era uma solitária. Ele falava árabe, mas não tinha intérprete para somali. Não permitiram que fizesse uma ligação. Não se falava em um valor de resgate. Seus sequestradores não eram nada parecidos com os bandos de piratas em Harardhere e Hobyo nem com as facções talibãs com e contra as quais ele trabalhou no Afeganistão, que venderiam qualquer refém em troca de dinheiro.

Ele corria sem sair do lugar. Plantava bananeira. Fez uma lista dos livros que baixaria no tablet quando fosse libertado. Seu nome era James More e era descendente de Thomas More e achava que leria *Utopia* novamente. Ele reuniu todas as informações que descobriu ou supôs sobre o grupo que o mantinha



encarcerado, com o objetivo de entregá-las pessoalmente em um interrogatório no prédio do Serviço Secreto de Inteligência em Londres. Legoland. Com esse trabalho, sua mente não estava nem um pouco preocupada. Ele memorizou o rosto dos combatentes que não eram somalis, suas habilidades e o árabe que falavam entre si.

Para alguns reféns, a recordação da vida anterior ao sequestro desaparece, ou então há um sentido de suspensão, como acontece durante um período de hospitalização por algum motivo grave. Para ele, era como se alguns rostos fossem mais seguros que outros e algumas lembranças, mais importantes. Não conseguia se fixar em muitos detalhes íntimos, ao passo que outros eram insistentes. Seu subconsciente tentava dar sentido a um todo que parecia girar, se consumir e irradiar como um planeta no início de sua existência. Havia trechos de pensamentos sobre coisas às quais jamais deu atenção, tais como empresas que costumavam ter muita publicidade e depois desapareciam. O que tinha acontecido com a Agfa, por exemplo?

Ele se perguntava por que os camelôs na África não criaram suas próprias linhas de produtos. Por que não se podia comprar um elogio de um vendedor em alguma favela do mesmo jeito que se comprava um pacote de chicletes ou um cigarro? A menor moeda poderia comprar um pedaço de papel dobrado com um bilhete escrito à mão: *you are gentle, you are beautiful* ou *your future achievements will overshadow your past achievements*.

Em outras ocasiões, incumbia à sua mente a tarefa de reproduzir os sons e as imagens que ela havia armazenado. Ajudava a ter paciência. Ele se colocou novamente na floresta invernal, expirou e olhou para o alto. Flocos de neve caíam. Lentamente, a música chegou até ele. Pop, punk, trechos de sinfonias e sessões de jazz. Por fim, vieram os filmes e os programas de televisão, eventos esportivos — um *match point*, um *try* no

rugby. Ele se transformou em seu próprio player multimídia, embora não houvesse nada de automático no processo; era biológico, contorções no barro vermelho, com estrofes faltando; as imagens que se moviam eram frágeis, elas tremulavam e logo desapareciam.

O raio de sol que entrava pelo buraco do encanamento se movia pela parede ao longo do dia. Ele o seguia. Só via o raio atingir a parede quando se virava para ela. Se fizesse isso, não o via entrar. Isso o incomodava. Todo ser humano olhava para a frente. Caminhava para a frente. Corria para a frente. Enxergava por meio de olhos em órbitas. O tempo andava para a frente. Um dia se somava ao outro. Adição e subtração. Danny disse que a subtração era a parte menos importante da matemática, pois tratava de tirar algo do que se era. Ele bateu a parte de trás da cabeça na parede. Só cabelo. Pele e osso. Desviou o olhar dos mosquitos que dançavam na luz. Ajeitou o papelão. Disse a si mesmo que, por causa da caridade e do amor, nunca se deve permitir que a morte domine seus pensamentos.

Ele se agachou num canto e se resignou com o tamanho do cômodo. Antes, enxergava cada cômodo por meio da mobília e da decoração dele e da luz que chegava através das janelas ou de lâmpadas. Aqui, o vazio se escancarava por todos os lados. O ar era repugnante, denso, úmido; estava esparramado num piso de excrementos, e o teto era a parte de baixo da superfície de um mar estranho.



A pintura de Pieter Bruegel, o Velho, *A queda dos anjos rebeldes*, nos mostra que realmente há uma força na subtração: subtrai-se de um anjo até terminar com um demônio. Se baixar uma imagem da pintura no seu computador, ou, melhor

ainda, se a vir pendurada no Museu Real de Belas-Artes, em Antuérpia, será possível perceber como os anjos rebeldes caem do céu no canto superior esquerdo da tela rumo ao inferno, no canto inferior direito. Suas asas inicialmente são subtraídas por asas inferiores de morcegos e dragões. Perto da terra, são reduzidos a mariposas, rãs e outras coisinhas frágeis. São conduzidos em grupo pelos anjos dourados do céu, armados com escudos, lanças e espadas fulgurantes, cuja missão é desinfetar nosso mundo. Será possível ver como os anjos rebeldes continuam mudando de forma conforme são conduzidos para um mar, cuja abertura é um cano de esgoto obscuro. Eles perdem as pernas, as asas, toda a esperança de emergir e se tornam peixes, lulas, ovas e sementes de árvores que jamais serão plantadas. Debaixo d'água, continuam sendo subtraídos de suas antigas formas até finalmente se tornarem incorpóreos e transparentes no fundo.

Seria interessante mostrar uma reprodução desse quadro a um combatente jihadista, que talvez nunca tenha visto algo tão visualmente imaginativo, e constatar se ele ficaria horrorizado ou aplaudiria os anjos, que espetam e perfuram as criaturas inchadas.



Ela pegou um TGV em Paris e fez uma conexão numa cidade pequena do interior, mudando para um trem de vagão único chacoalhando nos trilhos que pareciam cada vez mais estreitos, não de maneira desagradável — de fato, chacoalhava de tal forma que ela não conseguiu mais trabalhar no laptop, então o fechou e decidiu que suas férias tinham começado. Olhou de soslaio para os outros passageiros, típicas esposas de pescadores e filhos de fazendeiros de tez avermelhada, e observou a paisagem. Aquela parte da França começava a parar. Estava a uma semana do Natal, época de geadas góticas e severas e da

primeira neve que não derretia. Todas as folhas foram levadas das árvores pelo vento, os rios e os córregos tinham sido cobertos por uma fina camada de gelo, e a água congelada perto dos trilhos tinham bolsões de ar, como se tivessem sido atingidas por patas e garras de animais em pânico no interior deles. Ela via a beleza austera em tudo aquilo, além da matemática. De repente, o mar se fez presente entre duas colinas lisas em forma de seios. Ela sorriu: tudo sempre voltava a isso.

Sua parada era mais uma pausa do que a passagem por uma estação. Ela ajudou um aposentado a desembarcar e em seguida voltou e pegou a mala. A plataforma tinha uma rampa em cada extremidade. No centro havia uma cobertura de plástico, como um ponto de ônibus. Ela ficou ali, protegida do vento. Encontrou um quadro de horários colado: havia um aviso da igreja, outro do clube de ciclismo e uma oferta de fígado de ganso escrita à mão. Tinha um grafite ao lado, quatro assinaturas de uma só cor. Era simples, mas ela se sentia grata por estar ali, na calmaria, e não em Londres, em meio ao barulho.

Para muitos dos seus conhecidos, não era claro de onde a professora Danielle Flinders era ou se era o tipo de mulher que um dia encontraria espaço na vida para um relacionamento mais duradouro. Existia algo de obscuro em Danny, diziam, algo rígido, algo estriado. Essa avaliação carregava certa verdade, especialmente porque, interessante como era, ela gostava de sexo do seu próprio jeito e era inclinada a julgar seus parceiros sexuais como algo até certo ponto descartável, como parceiros de squash. Porém, no sentido mais amplo de pertencer a algum lugar, é mais justo afirmar que, na condição de professora titular mais jovem do Imperial College de Londres e professora convidada na ETH, em Zurique, ela era uma daquelas mulheres modernas bem-sucedidas que viveram em tantos lugares que não existe um único que possam chamar de lar. Pode-se dizer também que qualquer amigo que a achava inconstante não

era um amigo de verdade, pois a lealdade era um dos traços que ela inspirava. Sua constante mudança de ares não era uma questão de fuga do passado, abandono de uma infância desestruturada, instabilidade emocional ou algo do gênero. Pelo contrário: foram seus pais que a colocaram em movimento. Seu pai era australiano e sua mãe, martinicana. Danny tinha irmãos. Formavam uma família feliz e bastante unida. Ela cresceu em Londres, na Côte d'Azur e em Sydney, e todos esses lugares influenciaram sua formação. Em sua aparência e na variedade de roupas, hábitos e modos havia algo do histórico crioulo da mãe. A língua era uma coisa importante para ela. Teria considerado traição escolher o inglês em vez do francês por pura conveniência. Era altamente científica, no sentido iluminista de exigir que as humanidades permeassem suas ideias. Seus detratores nunca devem tê-la visto trabalhando, pois o que lhe faltava em constância ela compensava com vocação. Muitos indivíduos encontram dificuldade para descobrir como aplicar seus conhecimentos no mundo, mas Danny se dedicava a um ramo da matemática chamado biomatemática. Resumindo, basta dizer que ela vinha tentando compreender a vida pululante nas partes escuras do planeta numa época em que, na superfície, a própria humanidade se proliferava e se estabelecia em círculos cada vez mais complexos, porém menores e mais indiferentes. Ela poderia ter admitido que a perspectiva que buscava expor era complicada e ameaçadora demais para atrair um grande público, mas não ali, na plataforma da estação ferroviária, no primeiro dia de suas férias de fim de ano.

Um cavalo com uma carroça entrou no estacionamento de vagões com chão de cascalho atrás da plataforma. Um rapaz desceu e acenou. Ela caminhou até ele. Ele pegou sua bagagem e a ajudou a subir, colocando uma manta sobre os joelhos dela. Ele tinha hálito de leite e bochechas esburacadas. Ela não se lembrava dele do ano anterior.

— Vamos viajar devagar — disse ele. — Agora. Lá vamos nós. Ela respirou aquele ar. Era mais suave, mais terroso.

— É bom estar de volta.

— Teríamos mandado um táxi para outra pessoa, mas o gerente disse: “Não, madame Flinders vai gostar da carroça.” Está vendo? Estamos levando até as compras na parte de trás.

Ela se virou e olhou. Havia faisões, um porco, sacos de carvão e correspondência. Entraram na estrada principal. O rapaz segurava as rédeas sem força. Ela concluiu que o conhecia, só não conseguia se lembrar do nome dele. Era uma hóspede costureira do Hotel Atlantic, que chegava depois da festa de Natal do departamento e voltava a Londres de Eurostar na véspera do Natal. Mal havia passado da hora do almoço, mas o céu estava escuro. Começou a nevar e chover. Um Renault de faróis amarelos veio na direção deles, passou pelos dois, jogando neve derretida. Seus limpadores de para-brisa estavam rápidos demais, pensou ela.

Entraram por um caminho com sulcos e congelado entre dois campos. Os sulcos estavam cobertos de neve. Depois de um longo e silencioso percurso, cruzaram uma estrada de macadame e passaram por uma placa com o nome do hotel. Seguiram em frente, descendo por um caminho com um cercado de ovelhas em grandes pastos de cada lado, no estilo *parkland* inglês, carvalhos e um muro de pedra que penetrava num bosque feito uma flecha. Havia baixado um nevoeiro, ocultando o mar. Ela comemorou quando chegaram ao hotel. Desceu, depois hesitou. A primeira decisão das férias era importante. Tudo em Londres era pago com tempo e com dinheiro. Ela se contentava com duchas em Londres. Aqui, com as mãos e o rosto já dormentes de frio, decidiu caminhar até a praia. Faria o check-in no hotel quando voltasse, depois iria para o quarto e tomaria um banho quente. Nada de trabalho. Não, disse a si mesma. Depois do banho, assistiria a um filme e comeria cedo no salão de jantar.

- Você poderia levar as minhas malas para dentro, Phillippe?  
— pediu, lembrando o nome dele. — Vou dar uma volta.  
— Quer que eu acenda a lareira do seu quarto?  
— Sim, obrigada. E será que poderiam me levar um chá —  
ela olhou para o relógio — daqui a mais ou menos uma hora?  
— Mas é claro, madame. Estaremos aguardando seu retorno.

Ela deu um nó no cachecol, fechou o zíper da jaqueta preta impermeável até o colarinho e desceu pelo gramado até chegar aos pinheiros. Formavam um grupo de árvores modesto, mais belo e vulnerável que no ano anterior, com a mudança climática, com as tempestades, o sal na resina. Gostava da sensação do gelo sob suas botas nas sombras. A distância, havia dunas imponentes em tons de amarelo. Ela as escalou e viu lá embaixo a praia que se alargava até perder de vista. Fazia uma curva e tinha areias marron-claras. Havia uma laje de rocha negra no centro que ela adorava. Desceu e caminhou por toda a sua extensão. Ela a imaginava como um altar, ou então como os lábios da praia. As bordas da rocha penetravam em suas botas. Eu tinha me esquecido disso, falou para si mesma. Ela se lembrava da espiral em torno da rocha, não do quanto era afiada — o modo como cortava e limitava. Deu um pequeno passo para a infância e tentou ver as piscinas de rochas com olhos de criança. Ela viu estrelas-do-mar e siris e se recusou a nomeá-los. Seu conhecimento sobre a vida marinha era tão extenso que ela precisava ter cuidado para bloquear os detalhes: o modo como as sanguessugas de água salgada articulavam a cabeça sobre a cauda ou as cores indicando as inúmeras vidas microbiais incrustadas em cada saliência da rocha.

A areia nas imediações era açúcar refinado e as pegadas que deixava a caminho do mar eram açúcar demerara. A margem estava lodosa e agitada com cascalho, conchas e algas. Uma tempestade devia ter desabado. Ela sentiu a necessidade de

tocar o Atlântico outra vez. Tirando as luvas, abaixou-se e colocou as mãos na água até que ficassem dormentes. As profundezas dos oceanos preenchiam sua mente que não parava de trabalhar, mas naquele momento ela estava determinada a simplesmente observar a ação do vento sobre eles e as gaivotas que voavam em círculos acima da água. Tinha ido ali para ver o mar, não o oceano.

A lenha da lareira queimava na recepção. Um computador antigo com um símbolo amarelo-alaranjado estava sem uso atrás do balcão como uma espécie de relíquia, uma lembrança de quando as máquinas de computar eram enormes, lentas e ainda não eram uma certeza, e funcionava como uma afirmação de como o *establishment* perdurou ao longo das revoluções tecnológicas. Uma árvore de Natal ocupava o outro lado do saguão, com uma decoração local de flores secas, ornamentos reluzentes e velas douradas. Ela bebericou seu chá quente e claro enquanto conduziam as formalidades. Assinou seu nome no grande livro de registro de hóspedes com uma caneta-tinteiro e lhe deram a chave do quarto feita de latão. Um carregador a conduziu pelo saguão e pelo salão de fumantes até um velho elevador com a palavra em inglês UP iluminada sobre a porta pantográfica. Ela pediu para subir de escada. Sua suíte ficava nos fundos do hotel, no segundo andar, como tinha pedido. Havia um quarto e uma sala de estar com um enorme tapete turcomano de seda. Essa parte do hotel datava dos dias em que ele era um solar, a parte onde as vigas do teto tinham passado um ano ensopadas de leite para endurecê-las. Tinha vista para os gramados, os pinheiros e a praia mais além. À noite, era possível ver o farol. Ela encontrou um bilhete escrito à mão sobre a cama, dizendo que aquele era o terceiro domingo do Advento e, por uma tradição do hotel, os hóspedes eram convidados a se servir de bisque de lagosta e de outros pratos na cozinha sem nenhum custo adicional. O bisque seria servido



numa sopeira de Meissen azul e branca e as mesas do salão de jantar seriam providas de talheres de ouro. Ela colocou o bilhete na mesa de cabeceira e se despiu.

A banheira era antiga e profunda. Os óleos fornecidos eram caros e aromáticos. Semi-imersa na água escaldante, ela adormecia e despertava. Tinha planejado ligar para a mãe, mas foi tomada por uma tontura. De roupão, caiu no sono na cama e acordou com a escuridão e a lareira que ardia num ritmo constante. Ela acendeu uma luz, ajeitou os cabelos e colocou um vestido. Antes que pudesse fechar o zíper, mudou de ideia. Tirou o vestido, colocou a calça do pijama, uma camiseta e um suéter de caxemira. Ligou para o serviço de quarto e pediu o bisque, uma salada de batata e uma garrafa de vinho branco. Seu assistente de pesquisa e amigo, Tom Maxwell, ou Thumbs, havia copiado vários filmes para ela. Ela colocou o disco no aparelho e assistiu a *Os caça-fantasmas*. Thumbs falou que ela ia adorar a conexão suméria. Quando o jantar chegou, ela se serviu de uma taça de vinho, desligou o filme e saiu para fumar um cigarro na varanda. Havia começado a nevar.



Houve muitos locais de espera em sua vida de viajante. Sua infância foi diferente. Foi num só lugar. Ele cresceu no norte da Inglaterra, onde um rio corria para o mar do Norte. Quando a maré estava no nível mais baixo, dava para vadear até o outro lado do rio. Havia uma competição. Era preciso manter os nervos no lugar: bastavam alguns passos e se acabava completamente submerso.

Sua família morava numa casa de estilo regencial inglês no limite da terra comunal. Do quarto, conseguia avistar um moinho preto cujas pás só giravam nos dias em que ventava muito. Chamavam-no de moinho satânico. Os adros da cidade

ficavam cheios de gaivotas e o ar era salgado quando o vento soprava da Dinamarca. Caso se subisse na basílica durante o inverno, dava para ver o gelo nos pântanos e o feroz mar do Norte mais além.

Os cavalos eram uma parte importante de sua vida. Montá-los era não se sentir confinado de maneira nenhuma, a não ser a olhar para a frente. Havia montado cavalos nas férias escolares, atravessando a terra comunal até o mar e junto à orla. Ele se alistou no Exército por causa dos cavalos, mas acabou no regimento de paraquedistas, não nos hussardos. Não importava o quanto tentasse, a lembrança do toque e do cheiro dos cavalos ainda lhe escapava. A possibilidade de subir no lombo de um cavalo na escuridão fedorenta somaliana e ocupar o cômodo era mais fabulosa para ele do que se um dos anjos dourados surgisse e ele pudesse tocar suas asas e vestes.

Não era uma pessoa de ficar em casa, confinado em um apartamento francês apertado, com uma espreguiçadeira para pegar o sol da tarde, cinzeiros caros e mesas cobertas de pilhas de revistas. Morava numa bela casa no distrito de Muthaiga, em Nairóbi, mas se sentia mais confortável no jardim. Degraus levavam a uma piscina e uma varanda com uma longa mesa, onde passarinhos repousavam e voavam novamente para se alimentar na campânula das flores no alto. O gramado subia até dar numa ribanceira. Ele havia plantado capim na parte superior, de modo que à noite o volume das cigarras era alto. A parte de baixo era tomada por suculentas e grandes teias de aranha e terra batida. Era sombrio. Ele raramente descia até lá. Havia uma cerca elétrica que faiscava de vez em quando e do outro lado havia um riacho ao longo do qual os bandoleiros de Nairóbi vadeavam à noite com seus cortadores de cercas, suas barras de ferro e suas armas. Durante o dia, espirais de fumaça subiam da floresta do outro lado do riacho. Ouvia-se o som do tráfego na estrada Thika. A fumaça dos inúmeros

micro-ônibus carregando os nairobianos do e para o trabalho de alguma forma clarificava as flores e lhes dava uma essência de vulnerabilidade: ali estava um jardim que podia ser varrido num dia.

Na temporada de chuvas, ele dirigia seu carro de Upper Hill para casa, já tarde, passando pelo último dos trabalhadores pendulares encharcados que seguiam a pé pelos lixões nos fundos do distrito financeiro central. Desviou do tapete de pregos amarelo da estrada nos postos policiais. A polícia tinha guarda-chuvas e lanternas baratas. Desabava um temporal, a luz da lanterna brilhou em seu rosto e não dava para imaginar que os policiais largariam seus guarda-chuvas e ergueriam suas metralhadoras. E o que fariam com as lanternas?

A chuva era outro tipo de cortina que separava os ricos dos pobres. Ninguém se movia nas favelas de Nairóbi durante aquelas noites intensamente molhadas e frias. A lama e o lixo escorriam por baixo das portas de estanho. Os córregos se agitavam com ondas. Os bandoleiros estavam afundados até o pescoço. Quando entrou em casa, descobriu que a governanta tinha ficado até tarde. Ele sempre comia sozinho e bebia perto da lareira e trabalhava no laptop na mesa ao lado da janela, ou deitava no sofá e ouvia música.

Gostava de correr de manhã depois de uma tempestade por longas avenidas ladeadas por jacarandás. Passava pela residência chilena, pela Liga Árabe, pela residência holandesa e continuava em torno do Clube de Golfe Muthaiga. Os campos ficavam inundados, seus tênis ensopados, as pernas respingadas, uma corrida de cross-country, de lebres e cães, só que não havia lebre alguma. Foi por acaso que, ao voltar para casa depois de uma dessas corridas, ele percebeu que os bandoleiros tinham feito um buraco em sua cerca viva à noite. Havia trapos na cerca elétrica, no ponto onde baixaram o arame com pedaços de pau. Por algumas noites, ele trancou a

varanda. Os guardas fecharam o buraco com galhos e apontaram as lanternas para lá. Parecia um portal.

Em outra manhã, ele saiu e encontrou uma hiena morta numa vala perto do portão. Ela não tinha sido atropelada por um carro. Não havia nenhuma marca. Apenas na Somália, encarcerado, foi que ele percebeu que a máscara fúnebre do animal falava de limites e da busca por um jeito de sair ou entrar. Nairóbi se aproximou da hiena como as paredes móveis de uma sala daquelas antigas séries de aventura que matavam algum coadjuvante esmagado.



O Atlântico é o oceano mais atravessado e estimado pelo homem. Cobre um quinto do globo. A terra que o margeia é maior que a terra que margeia o Pacífico. Ainda que o Amazonas, o Congo e diversos rios menores o abasteçam de água doce, o Atlântico é mais salgado que os outros oceanos. Sua profundidade média é de três mil novecentos e vinte e seis metros. Há depressões em sua planície abissal majoritariamente nivelada. A mais profunda é a fossa de Porto Rico, com oito mil seiscentos e cinco metros. Sua estrutura mais impressionante é a dorsal mesoatlântica, que se estende do mar da Groenlândia ao oceano Antártico. O cabo telegráfico instalado pela Atlantic Telegraph Company, de Cyrus Field, em 1858, nada fez para reduzir a quantidade de água contida no Atlântico, mas levou a um estreitamento do espaço-tempo por meio de pulsos de som e depois de luz. O Atlântico deixou de ser uma vastidão viking para se tornar um mar atravessado rotineiramente em alguns dias de navio a vapor e depois, em horas, de avião.

O Hotel Atlantic, por contraste, é um antigo solar na costa atlântica francesa que foi transformado em hotel por César

Ritz, décimo terceiro filho de um pastor suíço, o hoteleiro dos reis. Há um hotel-irmão nos Alpes Marítimos, nas primeiras montanhas cobertas de neve a partir de Nice, mas o Atlantic é a joia do Ritz. A grafia em inglês, Atlantic, e não Atlantique, pretendia insinuar ao mesmo tempo pedigree e modernidade. Ele se aproximava do que Ritz considerava o hotel do interior perfeito e contrastava com o estilo *belle époque* de seus hotéis urbanos. Tornou-se um sucesso: não havia necessidade de fazer propaganda. Com suas tradições e a localização tranquila e remota, a maioria das reservas é para mais de três noites.

Até mesmo Nabokov previu um futuro estilo Jetsons com aviões silenciosos, aerociclos graciosos e um sistema universal de estradas subterrâneas acolchoadas. Entretanto, tratando-se de Nabokov, tratando-se de um lepidopterologista, ele tinha um senso flutuante de perspectiva. “Quanto ao passado”, escreveu, “eu não acharia ruim resgatar de alguns cantos do espaço-tempo certos confortos perdidos, como calças folgadas e banheiras compridas e profundas”.



Ele estava de saco cheio do trabalho e de Nairroubo. A viagem matinal entre Muthaiga e Upper Hill tinha acabado com ele. Era bom estar longe dali. Voou de classe executiva pela Kenya Airways de Nairóbi até Paris e depois pegou o trem da manhã para La Roche-sur-Yon. Como perdeu a conexão em La Roche, teve de esperar por uma hora. A plataforma estava gelada, enquanto no saguão de espera da estação fazia calor. Havia uma fornalha a lenha. As paredes eram adornadas com as pequeninas cabeças de cervos. Os bancos eram envernizados. Em um canto havia uma lanchonete com um pequeno balcão curvado, que servia café, conhaque, sopas recém-preparadas,

cozidos e pudim de leite. Uma alegria prevalecia com a estação. Aquilo de certa forma o entristecia: a vida era tão mais tranquila que a África.

Ele embarcou num trem regional. Seu único farol brilhava como o olho de um ciclope. Um táxi Mercedes com uma placa no teto o esperava em seu destino. Era um carro zero, com bancos de couro preto, ainda com cheiro de novo. Um maço de cigarros fechado repousava sobre uma bandeja ao lado da caixa de marcha. Um CD com os versos do Corão rodopiava, pendurado no retrovisor. O motorista era argelino. James puxou conversa em árabe. O motorista se virou, coçou a barba por fazer e o fitou: era como se o passageiro tivesse se materializado no banco de trás. Saíram da estação passando por um quiosque, depois entrando e em estradas menores, sob as faias, depois por um campo, por outros troncos retorcidos, cercas de metal, ovelhas. O tempo estava bom. Ele via dunas a distância, o mar, barcos na água, pequenas ondas. Havia um quê de Biarritz, um quê de ilha de Mull, o céu, o mar, e, quando entrou no Hotel Atlantic, a qualidade das tapeçarias, dos uniformes e a atenção aos detalhes nas flores e em outros arranjos o fizeram se lembrar do Hotel Bernini, na Piazza Barberini, em Roma.

Foi direto jantar. Era alguma ocasião especial. Os hóspedes foram convidados a se servir de bisque na cozinha do hotel. Ele foi até lá. O piso era de ladrilhos pretos e brancos em formato de losango. As janelas altas estavam cobertas de vapor condensado. Dava para sentir, mas não ver, a neve caindo em grande volume do lado de fora. Havia dezenas de painéis com fundo de cobre penduradas sobre os fogões a gás. Sem pressa, o chef em seu uniforme branco fatiava e cortava em cubos.

Havia outros oito hóspedes no salão de jantar. Ele percebeu vagamente suas conversas e formas, assim como havia

acontecido com o chef. Era uma tendência sua relaxar em qualquer lugar que fosse seguro, esquecer o que era periférico e restaurar certo sentido de si próprio. Além do bisque, havia também pratos de faisão, ganso, tripas, robalo salgado, verduras, pudins, *fondants*, frutas e queijos. As mesas foram postas com toalhas de linho branco, velas e talheres de ouro. Havia fotos de hóspedes famosos penduradas no painel de madeira de macieira. Entre elas via-se Mozafar Adim Xá, da Pérsia, jogando moedas para as crianças locais e Henrik Ibsen comendo um ganso no Natal de 1899. Mark Twain foi fotografado no mesmo salão uma década depois. Lá estava também a meio-soprano Giulietta Simionato, de boca aberta, o peito inflado, e uma foto colorida do presidente François Mitterrand em sua suíte no hotel, observando no meio da noite o mar que margeava a França.

Estava inquieto. Havia nele uma falha que o incitava a catalogar, em vez de apenas aproveitar. Pegou um garfo. Veja o que ele de fato é. É folheado a ouro, só isso.

Seu quarto ficava no terceiro andar, de frente para a colina na direção do campo e do bosque. Quando abriu a janela, ouviu o grasnar das gaivotas. Considerou pedir um quarto maior. Talvez de manhã. Os quartos de hotel na Europa eram sempre menores do que se esperava. No início, era uma decepção, mas e daí, a vida era assim, e, quanto mais tempo se passava no quarto, mais acolhedor ele se tornava. O que não se gostava era o que o distinguia. Ele sentia que talvez o que separava a Europa dos Estados Unidos fosse a tolerância ao que era distinto. Os Estados Unidos falavam de individualidade, mas proporcionavam o invariável e a réplica. Pela sua experiência, os hotéis norte-americanos eram pré-fabricados, com música de fundo, corredores abafados, janelas coloridas que não abriam, ar-condicionado que não podia ser desligado, uma pequena banheira de plástico, água clorada — morna, jamais quente

—, um copo de plástico numa embalagem de plástico. Quem beberia aquilo? Já na África havia sempre uma garrafa d'água e um copo na mesa de cabeceira, e geralmente se encontrava algum corredor que dava para um jardim, além de piscinas nos melhores hotéis, onde à noite era possível nadar para a lua, impedido apenas pela cerca elétrica na extremidade do complexo, e assim se flutuava na parte funda acima da confusão de luzes de alguma cidade africana no vale lá embaixo — amontoados desordenados, erroneamente belos, como a radiografia de um cérebro danificado.

Além disso, não havia nada de errado com o quarto que lhe deram. Tinha duas mesas, uma sacada, uma lareira, uma cama dispendiosa, uma série bem arrumada de gravuras do regimento de Aquitânia. O banheiro tinha janelas, uma banheira de ferro com patas de leão e um chuveiro cujas engenhosas armações cromadas não contavam com canos visíveis.

Depois de desfazer a mala, ele desceu ao bar. Pediu uma dose grande de uísque. O barman — que descobriu que se chamava Marcel — era primo do chef. Parecia jovem, mas tinha orelhas de couve-flor que o denunciavam como jogador de rugby. Irradiava um profissionalismo que era um convite à sinceridade. Isso fez James ser cauteloso.

— Você joga rugby.

— Jogava.

— O que fez você parar?

— Ah, sabe, eu quebrei o pescoço.

Eles conversaram um pouco sobre o estado da França, uísques, rugby queniano, e depois James pediu licença e se sentou a uma velha mesa diante de uma grande lareira de tijolos. Acima dela, pendurada na parede, ficava uma grande televisão de tela plana. Estava desligada. Olhou para ela.

— Só para o Dia da Bastilha e esportes, meu amigo — avisou Marcel, trazendo outro uísque.



Ele leu os jornais no tablet. Viajava com pouco peso, apenas com o que era necessário. Tinha um relógio IWC de aço, uma bolsa, nenhum livro impresso e ao mesmo tempo dezenas no tablet: era 2011, e ele mantinha ao seu alcance alguns poucos romances, coletâneas de poesia e jornais que lhe recomendaram, tudo em um aparelho mais leve que uma revista. Tinha ficado surpreso em constatar a rapidez com a qual a tela digital o havia conquistado. Palavras eram formas. Entrava-se nelas, elas entravam no leitor. Era verdade que o aparelho colocava um fim na relação entre livro e leitor, mas isso não era um problema quando em troca se tinha uma biblioteca à mão e a capacidade de esconder códigos nela.

Quando deitou na cama naquela noite, seu tablet brilhava no quarto sem nenhuma outra fonte de luz. Lá fora a neve caía. Alheia aos hóspedes, a brancura se apoderava da construção na escuridão. Havia espectros. As gaiotas mal eram ouvidas através das cortinas. Com um deslize do dedo, ele marcou algumas frases de setecentos anos de *Piers Plowman*, de William Langland, e as arquivou com outro movimento numa pasta no aparelho:

E assim segui, viajando por muitos lugares, caminhando sozinho por uma região selvagem e sem plantações, seguindo os limites de um bosque. Os pássaros exultantes me fizeram delongar e deitei por um momento numa clareira, sob um limoeiro, ouvindo o delicioso gorjear dessas aves. Os sons animados que saíam de suas gargantas fizeram efeito em mim, até eu cair no sono bem ali.



Um sábado de julho em Londres. Todas as janelas do apartamento estavam abertas. Ela se forçou a assistir ao noticiário da noite. Mesmo àquela hora havia gente pegando sol no jardim da praça.

Ela tomou um banho frio e depois se sentou à mesa de trabalho junto à janela com uma xícara de café e um cigarro. Faltava uma semana para sua viagem ao mar da Groenlândia. Pegou um pedaço de papel que havia sido colocado em seu escaninho na universidade pelo seu desequilibrado colega polonês, Tomaszewski.

“Pensamento do poeta nacional polonês Czeslaw Milosz quando cai o Muro de Berlim”, rabiscou Tomaszewski com uma caneta esferográfica azul.

E então a citação em letras maiúsculas:

O que acontecerá a seguir? O fracasso da visão de Marx criou a necessidade de outra visão, e não de uma rejeição a todas as visões. O que resta hoje é a ideia de responsabilidade (quando a ideia de progresso do século XIX se extinguiu), que vai de encontro à solidão e à indiferença de um indivíduo vivendo na barriga de uma baleia.

Tomaszewski havia sublinhado a palavra baleia.



Ele contou como os dois andaram de mãos dadas na neve e como Danny se virou para ele e explicou que havia um vasto número de salpas e águas-vivas no oceano cujas migrações verticais eram equivalentes em escala aos pássaros alçando voo das dunas para o espaço.

— Numa escala planetária, os pássaros rastejam — comentou ela.

*Utrinque Paratus*. Prontos para tudo. Esse era o lema do regimento de paraquedistas. Qual era a orientação dele no espaço? Tinha saltado de aviões como paraquedista. Mergulhava. O ar era rarefeito. A terra se aproximava rápido. Ele jamais encontrou aquele espaço interior que intensificava formas.

